

ARQUEOLOGIA URBANA EM BELÉM DO PARÁ:

O ESTUDO DE UM ANTROMA TERRESTRE ENTRE ÁGUAS AMAZÔNICAS

Diogo Menezes Costa

Professor - Universidade federal do Pará (UFPA)

Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) e Programa de Pós-graduação em Ciências do

Patrimônio Cultural (PPGPatri)

dmcosta@ufpa.br

<https://orcid.org/0000-0003-4220-8232>

RESUMO

A arqueologia urbana em Belém é um estudo que busca compreender a história da cidade através de vestígios arqueológicos encontrados em seu território. O texto faz uma análise do Engenho do Murutucu, Casarão da Ladeira do Castelo, Convento e Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Cemitério de Nossa Senhora da Soledade enquanto constituintes da cidade. O estudo arqueológico da cidade permite a reconstrução de sua história a partir das camadas que se acumularam ao longo do tempo, desde as estruturas coloniais até as construções mais modernas. As pesquisas arqueológicas em Belém têm revelado uma rica variedade de vestígios materiais, incluindo cerâmicas, objetos de metal, restos de alimentos e resíduos orgânicos, que ajudam a compreender a vida cotidiana da cidade ao longo dos séculos. O estudo da arqueologia urbana em Belém contribui para a preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade, bem como para o desenvolvimento de políticas públicas que levem em conta sua história e sua diversidade cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Urbana; Belém do Pará; História da Amazônia; Vestígios e edifícios; Patrimônio material.

Artigo recebido em: 03/04/2023.

Artigo aceito em: 29/06/2023.



ABSTRACT

Urban archaeology in Belém is a study that aims to understand the city's history through archaeological remains found within its territory. The text makes an analysis of Engenho do Murutucu, Mansion of Ladeira do Castelo, Convent and Church of Nossa Senhora das Mercês and Cemetery of Nossa Senhora da Soledade as constituents of the city. The archaeological study of the city allows for the reconstruction of its history from the layers that have accumulated over time, from colonial structures to modern constructions. Archaeological research in Belém has revealed a rich variety of material remains, including ceramics, metal objects, food remains, and organic residues, which help to understand the city's everyday life over the centuries. The study of urban archaeology in Belém contributes to the preservation of the city's historical and cultural heritage, as well as to the development of public policies that consider its history and cultural diversity.

KEYWORDS: Urban archaeology; Belém do Pará; History of the Amazon; Remains and buildings; Tangible heritage.

RESUMEN

La arqueología urbana en Belém es un estudio que busca comprender la historia de la ciudad a través de los vestigios arqueológicos encontrados en su territorio. El texto hace un análisis del Engenho do Murutucu, la Casa de Ladeira do Castelo, el Convento y la Iglesia de Nossa Senhora das Mercês y el Cementerio de Nossa Senhora da Soledade como constituyentes de la ciudad. El estudio arqueológico de la ciudad permite la reconstrucción de su historia a partir de las capas que se han acumulado a lo largo del tiempo, desde las estructuras coloniales hasta las construcciones más modernas. Las investigaciones arqueológicas en Belém han revelado una rica variedad de vestigios materiales, incluyendo cerámicas, objetos de metal, restos de alimentos y residuos orgánicos, que ayudan a comprender la vida cotidiana de la ciudad a lo largo de los siglos. El estudio de la arqueología urbana en Belém contribuye a la preservación del patrimonio histórico y cultural de la ciudad, así como al desarrollo de políticas públicas que tengan en cuenta su historia y diversidad cultural.

PALABRAS CLAVE: Arqueología urbana; Belém do Pará; Historia de la Amazonía; Vestigios y edificios; Patrimonio material.



Introdução

Belém do Pará é uma cidade que ocupa um lugar com bem mais do que os 400 anos de idade contados a partir da sua fundação em 1616 por portugueses na região norte do Brasil. Sua localização estratégica como a “Porta da Amazônia” situada às margens da Baía do Guajará e do rio Guamá, tornou-a um importante centro urbano na região; e um exemplo de bioma antropogênico ou antroma na Amazônia formado em séculos de ocupação territorial¹. Belém também possui um patrimônio histórico e cultural singular, porém dos vinte e três patrimônios materiais atualmente tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural – IPHAN², quais representações nós temos?.

Com base na lista dos bens patrimoniais tombados do Arquivo Noronha Santos do IPHAN na cidade, podemos observar a grande quantidade de edificações que são considerados importantes para a história e a cultura local. Além das sete igrejas (Igreja de São Francisco Xavier, Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Igreja de Santana, Igreja de São João Batista, Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Igreja da Sé), duas capelas (Capela de Nossa Senhora da Conceição e Capela Ordem Terceira) e dois conventos (Convento de Nossa Senhora das Mercês e Convento de Nossa Senhora do Carmo) todos ligados a esfera religiosa. Também temos dois palácios (Palácio do Governo e Palácio Velho), dois palacetes (Palacete Azul e Palacete Pinho), um colégio (Colégio de Santo Alexandre), um casarão colonial transformado em hospital (Hospital Militar), um teatro (Teatro da Paz), um solar (Solar do Barão de Guajará), e um forte (Forte do Castelo) agora representando também a esfera estatal.

Compondo a lista de patrimônios materiais de Belém temos outros conjuntos arquitetônicos, como um cemitério (Cemitério de Nossa Senhora da Soledade), uma praça (Praça Frei Caetano Brandão), duas avenidas (Avenida Governador José Malcher e Avenida Nazareth), uma travessa (Travessa Rui Barbosa) e um mercado (Mercado do Ver-o-Peso) estes numa esfera pública. Porém, além destes patrimônios arquitetônicos edificadas ou em conjuntos, também temos uma ruína (Engenho do Murutucu), um jardim histórico (Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi), uma coleção ou acervo (Coleção arqueológica e etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi) e um bem móvel ou integrado (Avião Catalina) este último o mais recente e na esfera militar.

¹ Adotado pelo Biourbanismo o termo Antroma refere-se a um dos sete biomas definidos para a terra e que inclui todas as modificações feitas pela espécie humana na biosfera terrestre, incluindo as cidades (MCGREGOR; COWDY, 2023).

²Fonte:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista_dos_Bens_Tombados_e_Processos_em_Andamento_atualizado_em_29_12_2022.xls. (Acessado em 01/06/2023).



Porém, que tipos de patrimônio material esta lista atualmente representa? Além das edificações, conjuntos arquitetônicos, ruínas, jardim históricos, coleções ou acervos, bens móveis e integrados? Se focarmos na análise do discurso provocada pela materialidade em Belém e suas esferas ou campos de atuação, também podemos observar que desta lista patrimonial apresentada, temos a constante repetição do discurso oficial. Como uma concentração de mais de 50% destes patrimônios materiais com o discurso estatal do período colonial e pós representado principalmente por edificações religiosas, militares ou governamentais. Enquanto as edificações privadas ou os espaços públicos também do mesmo período, correspondem aos outros 50% da lista, mas também favorecendo o arquitetônico em conjunto ou separado. A única divergência entre estes dois montantes de preservação é a coleção arqueológica e etnográfica do MPEG que revela outras histórias e culturas não só de Belém e o seu jardim histórico, com um patrimônio que não é só material, mas também biológico e científico.

Entretanto, Belém do Pará é um laboratório vivo para a prática da arqueologia urbana, oferecendo uma rica oportunidade para a exploração de outras histórias e culturas da região. O projeto “Arqueologia Urbana Luso-Brasileira: Belém, a primeira cidade portuguesa na Amazônia”³ é uma iniciativa que tem se deparado com este passado histórico e arqueológico de Belém, que é a primeira cidade fundada pelos portugueses na Amazônia brasileira⁴. Desde 2013, o projeto vem realizando escavações e pesquisas em diferentes locais da cidade, com o intuito de revelar o rico patrimônio arqueológico-histórico que se encontra ali e sua pluralidade de interpretações. Até o momento, já foram escavados quatro sítios arqueológicos históricos distintos na malha urbana de Belém, cada um com características e importâncias diferentes e que serão apresentados a seguir.

Com essas explorações científicas, o projeto tem contribuído para o conhecimento e a valorização da diversidade da história e dos diferentes patrimônios arqueológicos de Belém. As pesquisas sobre este patrimônio arqueológico-histórico de Belém são conduzidas por meio de dois programas de pós-graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA): o Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) e o Programa de Pós-Graduação em Ciências do Patrimônio Cultural (PPGPATRI). Ambos os programas possuem uma abordagem interdisciplinar e buscam investigar as diversas dimensões do patrimônio cultural e histórico. Além disso, as pesquisas são

³ Coordenado pelo Prof. Dr. Diogo Costa no Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGA e no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Patrimônio Cultural - PPGPATRI, ambos da Universidade Federal do Pará - UFPA, com financiamento da CAPES e CNPq.

⁴ No período colonial as cidades só podiam ser fundadas por ordem real e tinham função estratégica, qualquer outro assentamento urbano fundado por colonos eram vilas e tinham caráter colonizador (Costa, 2014 p. 53).



realizadas com a participação ativa de discentes e docentes do Grupo de Pesquisa em Arqueologia Histórica Amazônida (GAhIA); que é um grupo de pesquisa da UFPA com foco na arqueologia histórica e que tem contribuído significativamente para o avanço do conhecimento sobre a história e o patrimônio cultural da região amazônica.

Essa participação conjunta de diferentes programas de pós-graduação e de um grupo de pesquisa tem possibilitado uma abordagem multidisciplinar e enriquecedora para as pesquisas sobre o patrimônio urbano em Belém. Os discentes e docentes envolvidos têm contribuído com diferentes áreas de conhecimento, como arqueologia, antropologia, história, arquitetura, entre outras; permitindo uma compreensão mais ampla e integrada do patrimônio cultural e histórico da cidade. Além disso, a participação de discentes nesses projetos permite que eles tenham uma formação mais completa e integrada, colocando em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula e participando diretamente de pesquisas que têm impacto direto na valorização e preservação do patrimônio cultural e histórico da região. Dessa forma, a união entre diferentes áreas de conhecimento e a participação ativa de estudantes e professores, têm contribuído significativamente para a construção e socialização do conhecimento sobre o patrimônio de Belém e sua importância para as múltiplas histórias e culturas da região amazônica.

Engenho do Murutucu: um espaço de subalternos na Amazônia Brasileira?

O engenho Murutucu é um dos principais sítios arqueológicos históricos de Belém, ele é um dos poucos exemplares mais íntegros dos engenhos que utilizavam o sistema de maré como força motriz no norte do Brasil. Além de sua importância no período colonial como produtor de aguardente e açúcar principalmente para o comércio interno na Amazônia, o espaço ocupado pelo engenho tem uma história que remonta ao século XVII, antes mesmo da fundação da cidade de Belém. Registros materiais e históricos apontam para a presença de espanhóis, franceses, irlandeses e batavos que utilizavam a região para o comércio de escambo por especiarias nas águas do rio Pará e da baía do Guajará (COSTA, 2020a).

O Murutucu é um exemplo da tecnologia única de moagem por força do preia-mar e do baixa-mar no estuário Amazônico. Essa tecnologia permitiu que o engenho se tornasse rapidamente um dos maiores e mais bem equipados produtores da região Guajarina, consolidando sua importância econômica e social na região. Além disso, a ocupação e uso do espaço pelo engenho



ao longo do tempo revelam informações valiosas sobre a história da ocupação e exploração da região amazônica, bem como sobre as relações de trabalho e comércio estabelecidas na época. A pesquisa arqueológica no local tem permitido o estudo de diversos vestígios materiais que ajudam a compreender o passado do engenho e da formação da cidade de Belém (COSTA, 2020c).

Pesquisas arqueológicas realizadas no sítio do Murutucu revelam uma presença material europeia na área datada desde o ano de 1610 em média, evidenciando a importância histórica do local desde os primórdios da ocupação da região amazônica. O primeiro documento escrito sobre o engenho data de 1711 e se refere à construção da capela de Nossa Senhora da Conceição pelos frades mercedários, o que atesta a presença religiosa e a atividade econômica no local desde os tempos coloniais. Ao longo dos mais de 300 anos de ocupação, o Murutucu possuiu diversos proprietários incluindo figuras ilustres como o renomado arquiteto italiano Antônio Landi⁵, que veio inclusive a falecer no local. Essas informações ressaltam a importância histórica e cultural do Murutucu como patrimônio material da cidade de Belém e da região amazônica.

O sítio Engenho do Murutucu é uma fonte valiosa de conhecimento para a história e arqueologia da região amazônica, e tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores ao longo dos últimos anos. Desde a década de 1980, quando a Professora Margarita Andreatta da Universidade de São Paulo realizou um sítio-escola em arqueologia histórica no local, até os dias atuais, o sítio vem sendo objeto de pesquisas por diversos especialistas da área. Na década de 1990 e 2000, o Arqueólogo Fernando Marques do Museu Paraense Emílio Goeldi também desenvolveu importantes pesquisas no sítio Engenho do Murutucu, contribuindo para a compreensão da história da ocupação europeia na região. Desde o início das pesquisas pela UFPA em 2014, o projeto “Sítio-Escola Engenho do Murutucu: uma Arqueologia dos Subalternos” tem também desvendado cada vez mais detalhes sobre a história e a cultura material dos diversos habitantes que passaram pelo engenho (COSTA, 2017a).

A pesquisa de longa duração do sítio Engenho do Murutucu é fundamental para o entendimento da história de ocupação, comércio, regime de vida e trabalho, além do entendimento da rede de tráfico de povos escravizados. Todos esses temas são de suma importância para entender a formação histórica da região norte e do Brasil enquanto estado-nação. As dissertações

⁵ Giuseppe Antonio Landi foi um artista italiano que viveu no século XVIII. Ele nasceu em 1713, em Piacenza, na Itália. Landi era um pintor de retratos talentoso, além de se dedicar à arte da escultura. Ele trabalhou para a corte espanhola e, posteriormente, para a corte portuguesa, onde deixou um grande legado artístico. Em 1759, ele foi convidado a se mudar para o Brasil para trabalhar para o governo português, onde se destacou como um dos principais artistas da época colonial. Em Belém Landi foi responsabilizado pelo desenho da construção de doze dos patrimônios edificados tombados pelo IPHAN: cinco igrejas, dois palácios, um palacete, duas capelas, um colégio e um convento.



produzidas a partir das pesquisas realizadas no Engenho revelaram muitos aspectos interessantes sobre a vida cotidiana das pessoas que habitavam o local. Um estudo detalhado sobre a cerâmica encontrada no sítio mostrou que os grupos subalternizados tinham suas próprias técnicas de produção e que havia diferenças significativas entre as peças produzidas por diferentes grupos, possivelmente indígenas e africanos. Além disso, foi possível entender melhor como essas pessoas utilizavam a cerâmica em seu cotidiano, seja para fins alimentícios, domésticos ou rituais (MARTINS, 2015).

Outro trabalho importante realizado no Engenho do Murutucu foi sobre o vidro lascado encontrado no sítio. O estudo mostrou como as pessoas escravizadas que não tinham acesso a instrumentos de ferro, como facas, precisavam improvisar e utilizar materiais disponíveis para produzir lâminas. Foi possível entender como essas pessoas desenvolveram técnicas de lascamento de vidro para produzir ferramentas em vidro para uso diário (JUNIOR, 2017). Além disso, foi realizado outro estudo sobre cachimbos encontrados no Engenho do Murutucu, que propiciou analisar se havia um espaço de lazer ou mesmo ritualístico na área. Essa pesquisa ajudou a entender como os diferentes grupos sociais que moravam no atual sítio utilizavam o espaço do engenho e como se relacionavam entre si (ARAÚJO COSTA, 2018). Todos esses estudos contribuem para uma compreensão mais ampla da vida cotidiana dessas comunidades subalternizadas e do papel que desempenharam na história local.

O engenho também foi ocupado durante a revolta da Cabanagem, e deste local segundo os relatos históricos partiu as invasões para a cidade de Belém⁶. Porém, seus mais duradouros habitantes foram os indígenas e africanos escravizados no sistema colonial e imperial que o Brasil já teve. Documentos históricos apontam que durante meados do século XVIII mais de 25 africanos escravizados foram registrados em um inventário da época⁷. As pesquisas arqueológicas feitas no sítio geraram não só trabalhos acadêmicos (SANTOS; COSTA, 2017). Mas também forneceram subsídios materiais – e, portanto, factuais – para ações públicas na esfera jurídica, como pistas e provas republicanas que comprovam a ocorrência de escravidão no período do Brasil império e colônia na Amazônia.

⁶ Relatos regionais ou histórias locais que não são amplamente documentadas em fontes acadêmicas ou históricas conhecidas, apontam que uma das invasões à cidade de Belém teve início a partir do Engenho do Murutucu. Em 1835, o Engenho do Murutucu estava relacionado ao Movimento da Cabanagem (1835-1840), quando o local foi temporariamente utilizado como acampamento das tropas rebeldes lideradas por Vinagre, Angelim e Gavião, que eram os comandantes da revolução. Em 14 de agosto de 1835, a partir de uma caminhada pelas terras do Engenho do Murutucu, teve início a segunda invasão de Belém pelas forças cabanas.

⁷ Diferente de outras regiões do Brasil, a presença de dezenas de africanos escravizados em uma mesma propriedade na Amazônia colonial é um fato raro (COSTA, 2016a, 2016b).



A importância do patrimônio arqueológico para a sociedade brasileira é destacada no projeto “Em busca de Pistas e Provas da Escravidão Negra no Brasil”, este projeto teve como objetivo auxiliar na construção do Relatório Parcial da Comissão Estadual da Verdade da Escravidão Negra no Brasil. Ao utilizar alguns dos dados produzidos pelo pesquisador Diogo Costa, chegou-se à conclusão que o referido sítio arqueológico teve, em seus anos de vida, diferentes residentes que deixaram suas marcas materiais e na transformação da paisagem que hoje o Engenho representa e/ou cria. O sítio foi tombado como patrimônio da União na década de 1980, mas foi com a pesquisa realizada por Costa por mais de uma década no local que contribuiu para comprovar a real participação da escravidão negra na região, por meio dos remanescentes materiais móveis e fixos como vestígios arqueológicos encontrados nas ruínas de uma das senzalas do sítio.

Figura 1: Imagem do cachimbo cerâmico encontrado no espaço escavado da senzala no Engenho do Murutucu.



Fonte: Martins (2015).

Esses resultados foram entregues oficialmente à Comissão Nacional da Verdade da Escravidão Negra⁸. Esse exemplo mostra como o patrimônio arqueológico é fundamental para

⁸ Relatório da Comissão Nacional da Verdade da Escravidão Negra criada em 2016 pela Ordem dos Advogados do Brasil (“[PDF] PISTAS E PROVAS DA ESCRAVIDÃO NEGRA NO PARÁ”, [s.d.]).



compreender a história e a identidade de uma sociedade, além de ajudar a conscientizar sobre a importância da preservação do patrimônio cultural e histórico para as futuras gerações. E o lado ético e engajado das pesquisas arqueológicas que podem ajudar a trazer justiça aos grupos que foram inferiorizados e torturados pelos grupos detentores de poder na sociedade brasileira.

Estes depósitos particulares e residenciais do Murutucu, contam então essa outra história, que ficou por muito tempo encoberta, esquecida ou escondida do público pelo discurso oficial do Estado. Nesta unidade rural de trabalho e doméstica encontramos um tipo de material arqueológico que é diretamente relacionado com as pessoas que habitaram estes espaços. Este patrimônio histórico nacional, que além de tombado na esfera federal amplia para além das ruínas a sua importância como fonte de conhecimento sobre um passado até então inacessível aos olhos do contemporâneo.

Ruínas humanas e seus objetos, em um emaranhado de coisas naturais, criam o que podemos chamar de um sítio ecoarqueológico⁹. O processo de arruinamento que todos os objetos artificiais ou elementos exóticos que foram criados pelos grupos humanos num determinado tempo e espaço sofrem. E as coisas naturais que se referem aos elementos sem ação humana e que surgiram espontaneamente na natureza, mas que também possuem um processo de transformação se dispersam pelo lugar. Ao colocar esses dois elementos juntos, há uma mistura de propriedades criadas pelo homem e atributos que ocorrem naturalmente em ecossistemas, ou que também podemos chamar de “elementais”. Hoje, portanto, os olhares sobre o sítio arqueológico Engenho do Murutucu estão mais voltados para a interação entre elementos e elementais, estabelecendo uma ecoarqueologia histórica das mudanças ambientais locais e climáticas globais como o atual carro chefe das investigações.

⁹ A ecoarqueologia é uma proposta interdisciplinar que combina conceitos e métodos da arqueologia com a ecologia, a fim de investigar materialmente as relações atuais entre as sociedades humanas e o seu meio ambiente historicamente construído. Ela busca compreender como os seres humanos interagiram com os recursos naturais, como utilizaram e modificaram o ambiente, como essas interações influenciaram sua cultura e organização social, e principalmente, quais foram as repostas naturais a cada uma dessas interações ao longo do tempo. Atualmente a ecoarqueologia procura evidências arqueológicas que forneçam informações sobre as práticas humanas relacionadas as mudanças climáticas. Portanto ao integrar os métodos da ecologia com a arqueologia, a ecoarqueologia permite fornecer insights sobre a sustentabilidade das práticas humanas passadas e suas implicações para o presente. A ecoarqueologia é uma abordagem importante para compreender as interações complexas entre os seres humanos e o ambiente ao longo da história e no seu atual presente. Ela contribui para o conhecimento sobre a relação entre cultura, natureza e as mudanças ambientais, auxiliando na compreensão dos impactos das atividades humanas no ambiente e na formulação de estratégias de conservação e manejo sustentável (COSTA, 2019, 2021b, 2023).



Casarão da Ladeira do Castelo: um não-lugar arqueológico no centro de Belém?

Localizado no bairro da Cidade Velha em Belém do Pará, o Casarão da Ladeira do Castelo está situado ao lado do Forte do Castelo, que foi construído há mais de três séculos, depois de 12 de janeiro de 1616, quando Francisco Caldeira Castelo Branco chegou à região. A fortificação foi erguida para expulsar outros europeus que já estavam no local e seu entorno, dando início ao processo de ocupação e colonização da região norte pelos Portugueses. Ao lado do Forte, encontra-se o conjunto de casarões antigos que liga o alto do morro ao rio, sendo que um desses casarões foi objeto de investigação arqueológica pela equipe do Grupo de Pesquisa em Arqueologia Histórica Amazônida (GAHIA) da Universidade Federal do Pará.

O bairro da Cidade Velha é uma região histórica de Belém que abriga diversos monumentos e patrimônios culturais, como a Igreja de Santo Alexandre, a Catedral da Sé e a Praça Dom Frei Caetano Brandão. O conjunto arquitetônico do qual faz parte o casarão sempre esteve ligado à Igreja de Santo Alexandre e ao Colégio dos Jesuítas, ambos localizados na mesma quadra e acima do morro. Durante o século XVIII, o edifício foi utilizado como biblioteca possuindo inclusive o maior acervo bibliográfico da Amazônia, e atualmente é propriedade da Arquidiocese de Belém. Em 2011 e 2012 a universidade recebeu a concessão do espaço para instalação de um albergue universitário e um memorial do livro, mas infelizmente por falta de recursos o projeto ainda não foi totalmente implementado (COSTA, 2017b).

Em 2018 e à mercê das marés, seu rico pacote arqueológico foi exposto pelas obras de reconstrução das edificações, sem nenhum critério prévio tomado, mas com acompanhamento arqueológico mitigatório durante os trabalhos arquitetônicos e de engenharia civil que geraram impacto direto no patrimônio arqueológico urbano de Belém. No seu grande aterro explorado pela obra, encontramos diversos materiais que remontam a diversas partes da cidade. Tratando-se então de um enorme arquivo material de séculos e séculos da população que ocupou a orla da baía do Guajará. Não só do ponto de vista científico, mas também educativo, essa materialidade faz a mediação entre diferentes temporalidades em que as populações do presente conseguem refletir criticamente sobre as formas de vida dos grupos do passado, como os grupos escravizados, religiosos, comerciantes, políticos, militares e viajantes (COSTA, 2017c).

Do resultado dessas pesquisas dois trabalhos interessantes emergiram, o primeiro sobre os hábitos alimentares dos formadores do depósito arqueológico abaixo dessas estruturas. A dissertação em Zooarqueologia Histórica realizado pelo arqueólogo equatoriano Estaban Acosta



(BARRENO, 2021), revelou esses e outros padrões, tais como: à ausência significativa de restos faunísticos de peixes e crustáceos em um local à beira do rio; talvez resultado de um problema de coleta ou preservação dos vestígios? Ou da própria alimentação dos indivíduos que era mais induzida ou acessível ao consumo de carne bovina exótica, mesmo com a presença de aves e caças pequenas nativas? A ausência de uma camada diretamente relacionada ao século XVII ou anterior¹⁰ por possível ação das marés ou formação específica de um aterro? Foram algumas das hipóteses levantadas.

Figura 2: Imagem do perfil estratigráfico da parede externa ao pátio interno do Casarão da Ladeira do Castelo.



Fonte: (Costa, 2017a).

¹⁰ Como ocorre no sítio arqueológico próximo do Forte do Castelo onde investigações na década de 1990 e 2000 revelaram uma ocupação pré-colonial de longa duração no local e marcada pela presença de uma distinta camada de terra preta (com assinatura geoquímica indígena ou amazônica) anterior a ocupação colonial. Com a data média de 1600 após Colombo, a camada mais profunda do sítio é composta por vestígios de carvão e restos de tartaruga emaranhados com cerâmicas humanas, sobreposta por estruturas artificiais das edificações militares do século XVII ao XIX (Lima, 2022, pg. 138, 139 e 159).



Outro trabalho discute sobre a confecção e a comercialização de cerâmicas caboclas, neobrasileiras, ou locais e regionais, durante o final do século XIX e início do século XX. Neste trabalho de conclusão de curso (GUIMARÃES, 2019), a cerâmica utilitária do sítio foi investigada com o intuito de compreender, por meio da tecnologia empregada na confecção dos artefatos, os seus locais, épocas de produção e trânsito. Semelhante a este trabalho, pode-se mencionar outra pesquisa de conclusão de curso, realizada no Murutucu que revelou que objetos relacionados a bebidas alcoólicas também podem estar inseridos em uma rede de significados que vão para além dos padrões de economia e consumo, vinculando esta materialidade a hábitos, interações sociais e crenças (CAVALCANTE, 2017).

Convento e Igreja dos Mercedários: Espaço de disputa do poder religioso e militar?

O prédio dos Mercedários provavelmente foi construído a partir de 1640, para receber os frades Pedro de La Rua e João das Mercês, da Ordem Calçada de Nossa Senhora das Mercês, que vieram da cidade de Quito com Pedro Teixeira em 1639. Originalmente em taipa de mão coberta de palha e depois de taipa de pilão, a igreja foi reconstruída em alvenaria de pedra em 1753 com projeto do arquiteto italiano Antônio Landi. Após a expulsão dos religiosos em 1777, o prédio foi ocupado por instituições públicas importantes para história da cidade, tornando-se sede da Alfândega de Belém, Trem de Guerra (local onde se guardam armamentos e munições) que foi tomado pelos Cabanos em 1835, e depois sede dos Correios, com a igreja reconstruída em 1913 (COSTA, 2020a).

Em 1978 o prédio sofre um incêndio sendo totalmente reformado e reinaugurado em 1987, quando veio a tornar-se sede da Superintendência do Patrimônio da União, Alfândega de Belém e, também, a sede regional da Escola de Administração Fazendária do Ministério da Fazenda. Atualmente, o complexo do Convento dos Mercedários é sede da Graduação em Conservação e Restauro (FACORE) e do Programa de Pós-graduação em Ciências do Patrimônio Cultural (PPGPatri), ambos da UFPA e que passa por reformas desde 2019. A pesquisa arqueológica iniciada em 2020 (mas infelizmente interrompida durante a pandemia de COVID-19 em 2021 e 2022) revelou um pacote multitemporal no bairro da Campina, um dos mais antigos centros comerciais de Belém, que junto com o sítio do Casarão oferecem uma perspectiva dos dois polos de crescimento da cidade durante o século XVII, XVIII e XIX. Esta grande faixa de aterro, onde hoje



assenta-se o próprio mercado do Ver-O-Peso, é uma construção urbana da paisagem citadina. A grande contribuição deste aterro é fornecer uma quantidade enorme de materiais anônimos, mas massivamente produzidos principalmente após 1750, informando majoritariamente sobre a cidade de um modo geral (COSTA, 2020a, 2021b).

Figura 3: Imagem de garrafas de vidro encontradas durante o acompanhamento arqueológico no Mercedários/UFPA.



Fonte: Costa (2021a).

Outra característica da pesquisa arqueológica realizada no Convento dos Mercedários é que o complexo foi, primeiramente, escaneado subsuperficialmente com o emprego de um equipamento de georadar, além da identificação de pontos de interesse para a exploração arqueológica posterior. Em parceria com o professor Marcos Welby da geofísica da UFPA, toda a área acessível dentro e fora das edificações foi prospectada e os resultados geraram dados que estão sendo explorados inclusive para uma tese de doutorado em andamento. Os questionamentos científicos são muitos, entre paredes que deixaram de existir, portas e janelas que foram fechadas, corredores que foram mudados, pois contam a história e a funcionalidade dos edifícios em questão. Contudo, o que aconteceu no lugar anteriormente a construção dessa edificação? O que existia ali? Do que era feito? Estas são respostas a serem respondidas com o decorrer das pesquisas acadêmicas em andamento (COSTA, 2021a).



Cemitério da Soledade: lugar da elite ou subalternos da *Belle-Époque* de Belém?

O cemitério da Soledade, localizado próximo ao centro histórico em Belém, é um dos mais antigos e importantes cemitérios da cidade, considerado por muitos como um local exclusivo de sepultamento da elite local. No entanto, indícios materiais apontam também para a presença de outros grupos sepultados, ou seja, pessoas de classes sociais e econômicas inferiorizadas historicamente. Fundado em 1850 devido as epidemias de febre amarela, cólera e varíola que assolaram a cidade no século XIX, o Cemitério da Soledade foi projetado segundo os padrões europeus para atender a elite belenense que antes era enterrada nas igrejas da cidade. O cemitério foi desativado em 1880 devido ao grande número de enterramentos e as condições não propícias do solo para comportar novos enterramentos subsequentes (SILVA, 2005).

O Cemitério da Soledade foi tombado pelo IPHAN em 1964, principalmente por causa da sua popularidade ligada a devoção aos entes falecidos e enterrados no atual sítio, além da visita regular de outras pessoas aos diversos túmulos conectados a religiosidade popular como de escravas e crianças. Sua utilização data do período áureo da borracha, portanto seus materiais construtivos vão refletir toda ostentação da época, incluindo o sepultamento de alguns residentes do arquipélago do Marajó onde parte da elite paraense tinha fazendas para criação de búfalos e plantações de arroz (RODRIGUES, 2014). O espaço atual foi definido em 1884, quando foram feitas as obras de inclusão das linhas férreas para a passagem de bondes nas atuais Travessas Gentil Bittencourt e Serzedelo Corrêa (SILVEIRA; ROCHA, 2013).

O cemitério é dividido em quatro quadrantes por irmandades: Ordem Terceira do Carmo, Santa Casa de Misericórdia, Santo Cristo e São Francisco da Penitência. Com mausoléus e túmulos neoclássicos e neogóticos importados da Itália, e principalmente Portugal como o pórtico neoegípcio feito em pedra de Lioz, e o gradil de ferro importado da Inglaterra (SILVA, 2014). Hoje grande parte das visitas pelo público geral ao cemitério ocorrem às segundas-feiras, principalmente por motivos religiosos e turísticos que permeiam túmulos desconhecidos e conhecidos como o do general Gurjão, Visconde do Arary, Capitão Cabral, escrava Anastácia, meninos Zezinho e Cícero, menina Januária, os Gêmeos e preta Domingas. Entretanto, mesmo que o cemitério tenha sido planejado para atender a elite, possivelmente parte dos seus enterramentos foram de indígenas e negros subalternizados, os mesmos que mais sofreram pelas epidemias de febre amarela e cólera em Belém (BELTRÃO, 2004).



Em 2022 as pesquisas arqueológicas de acompanhamento das obras de conservação e restauro do cemitério para a sua transformação em parque pelo governo do estado, propiciou o acesso de uma equipe de arqueólogos historiadores e bioarqueólogos ao conteúdo dos túmulos, jazigos e mausoléus. O trabalho envolvendo o governo estadual, a prefeitura de Belém e a UFPA, através do Laboratório de Conservação, Restauro e Reabilitação (LACORE), com discentes e docentes da FACORE e PPGPATRI. Teve como objetivo arqueológico mapear e descrever o interior dos jazigos para coleta de ossos humanos e objetos rituais, visando a sua identificação, estudo e curadoria para a posterior devolução dos restos mortais aos túmulos (LACORE, 2022).

Foram realizadas também ações de conservação dos monumentos integrados ao cemitério como grades de ferro importados da Inglaterra, além do túmulo de ilustres personalidade da época, como o jazigo do General Gurjão construído na Itália pelo escultor Antonio Allegretti professor do Instituto de Belas-Artes de Roma. A arqueologia contribui nesta pesquisa não só apresentando subsídios para as tomadas de decisão durante as obras no cemitério, mas também se tornando parte direta do próprio acervo do parque. Com uma etapa de campo recém-encerrada, a pesquisa ainda não apresenta resultados finalizados, mas já aponta um enorme ganho informativo sobre as práticas mortuárias e ritualísticas de Belém do século XIX ao XXI. Em parceria com o prof. Pedro da Glória do PPGA/UFPA, os ossos humanos vêm sendo estudados e curados em um laboratório de campo dentro do próprio cemitério da Soledade. Por envolver questões éticas, o tratamento de restos humanos segue um rígido protocolo de registro, coleta, limpeza, identificação, análise e devolução aos túmulos (COSTA; GLÓRIA, 2023).

Espera-se que com a atual pesquisa arqueológica desenvolvida no cemitério da Soledade várias lacunas sejam preenchidas entre o conhecimento histórico e o folclórico do passado de Belém. Os registros de doenças, fraturas acidentais ou não, alimentação, tortura, trabalho excessivo e outros indicadores podem revelar o cotidiano dessas populações pretéritas, e inclusive não só a saúde, mas também o seu status social. Entre outras indagações, podemos questionar por exemplo que tipo de sociedade está hoje representada no cemitério da Soledade? Aquele grupo de pessoas que encomendou e pagou pela “foto”, ou aquele grupo de pessoas que realmente “aparecem” na imagem? A arqueologia mortuária empregada neste projeto vem também de uma longa discussão entre duas escolas de pensamento processualista e pós-processualista, já abordadas em uma outra discussão, como de espelho etnográfico ou máscara social (COSTA, 2012).

Portanto, o estudo dos ossos encontrados neste cemitério é fundamental para preencher essa lacuna histórica e para entender melhor a sociedade da época. Por meio de análises



arqueológicas e antropológicas, é possível obter informações valiosas sobre a alimentação, saúde, origem étnica e estilo de vida das pessoas enterradas no referido cemitério. Além disso, a pesquisa também pode contribuir para desvendar a causa da morte de algumas dessas pessoas, bem como para identificar possíveis doenças e traumas sofridos. Dessa forma, o estudo dos ossos do cemitério da Soledade tem o potencial de enriquecer nossa compreensão da história de Belém e do Brasil, permitindo-nos conectar mais plenamente com nosso passado e com as pessoas que nos antecederam.

Considerações finais

A exumação e o estudo dos remanescentes materiais do cotidiano vivido pelos habitantes de Belém do Pará têm revelado informações inéditas sobre o passado antigo e recente da capital paraense na Amazônia brasileira. Por meio da análise dos vestígios arqueológicos encontrados nos sítios históricos escavados e mencionados neste trabalho é possível reconstituir aspectos do cotidiano através da cultura material dos diferentes grupos que habitaram esta localidade. Entre os artefatos encontrados, destacam-se os instrumentos e ferramentas de trabalho em ferro, que fornecem informações valiosas sobre as atividades econômicas desenvolvidas na região e a tecnologia empregada na produção desses objetos. Além disso, os fragmentos de louças utilizados em jogos de chá e jantares, bem como os fragmentos de garrafas e frascos em vidro para bebidas e panaceias, permitem traçar um panorama das práticas alimentares e medicinais das populações que habitaram a cidade ao longo dos séculos.

Os restos alimentares, como ossos faunísticos e conchas, também são importantes indicadores das práticas alimentares e da dieta dos habitantes de Belém ao longo do tempo. A análise desses materiais permite não apenas identificar as espécies de animais e até plantas consumidas, mas também entender as estratégias de subsistência e os padrões de consumo alimentar dos diferentes grupos que habitaram a região. Em suma, o estudo sistemático dos remanescentes materiais referentes ao cotidiano vivido pelos diversos habitantes de Belém tem permitido a compreensão de aspectos importantes da história e da cultura da cidade, contribuindo para a valorização e preservação do patrimônio cultural e histórico da região amazônica.

Além dos materiais encontrados, as pesquisas também se concentraram em estudar os espaços de moradia e trabalho dos habitantes de Belém, por meio do estudo das estruturas



edificadas, tanto sob quanto sobre o solo, é possível obter informações valiosas sobre como essas construções foram erguidas, como foram utilizadas e como foram abandonadas. A análise dessas estruturas permite não apenas entender as técnicas e materiais empregados na construção, mas também traçar um panorama das formas e etapas de ocupação e organização do espaço urbano ao longo do tempo. Por meio da interpretação das marcas deixadas pelas atividades humanas na materialidade, é possível identificar os usos originais desses espaços, bem como as transformações ocorridas e os diferentes modos de ocupação e exploração do território urbano.

O estudo das estruturas edificadas também contribui para a compreensão da história urbana de Belém e para a preservação do patrimônio cultural e histórico da região amazônica, ao entender como essas construções foram erguidas, utilizadas e abandonadas, é possível criar diretrizes e ações que visam a valorização e proteção do legado deixado pelos habitantes que ajudaram a construir a cidade de Belém ao longo dos séculos e também evitar todo o seu processo de arruinamento¹¹, desvelado durante a exposição das pesquisas concluídas e em andamento do projeto “Arqueologia Urbana Luso brasileira: Belém, a primeira cidade portuguesa na Amazônia”, neste texto.

O primeiro deles é o Engenho do Murutucu, localizado na estrada da CEASA, no bairro Curió-Utinga. Esse espaço remonta ao século XVII e tem grande importância para a história da colonização europeia, produção açucareira e para compreender e problematizar o tráfico de povos escravizados na região. Nesse exemplo, a arqueologia desempenha um papel essencial na narrativa histórica do período colonial amazônico, permitindo uma compreensão mais profunda e crítica das interações entre europeus, indígenas originários e povos africanos escravizados. Essa pesquisa ajuda a contar outras histórias, revelando os aspectos multifacetados da cultura, da resistência e da adaptação nesse contexto histórico específico. Através da arqueologia, podemos

¹¹ O termo "arruinamento" é utilizado no campo da arqueologia para descrever o processo pelo qual um sítio arqueológico ou uma estrutura histórica se deteriora e se degrada ao longo do tempo. Também pode ser chamado de "processo de ruína" ou "processo de deterioração". O arruinamento pode ocorrer devido a uma variedade de fatores, como a exposição aos elementos naturais, a ação do clima, o crescimento de vegetação, a atividade humana, desastres naturais, entre outros. A falta de manutenção e conservação adequadas também pode contribuir para o processo de arruinamento. À medida que um sítio arqueológico ou uma estrutura histórica se deteriora, sua integridade e legibilidade podem ser comprometidas. Elementos arquitetônicos podem desmoronar, materiais podem se decompor, pinturas e inscrições podem se apagar, e a estrutura geral pode se tornar instável. O processo de arruinamento pode ser preocupante para os arqueólogos e conservacionistas, pois resulta na perda de informações valiosas sobre o passado. Portanto, a documentação e a conservação adequada de sítios arqueológicos e estruturas históricas são essenciais para preservar sua integridade e garantir que sua importância histórica seja transmitida às gerações futuras. A arqueologia desempenha um papel importante na documentação e no estudo de locais arruinados, permitindo que os pesquisadores reconstruam a história e a função original desses locais com base em evidências materiais e contextuais. Além disso, esforços de conservação e restauração podem ser implementados para estabilizar e proteger sítios e estruturas em processo de arruinamento, preservando-os para estudos e apreciação futuros.



ampliar nosso conhecimento e nossa consciência sobre o passado, promovendo uma compreensão mais inclusiva e informada da nossa própria e de outras histórias.

Outro sítio arqueológico importante é o Casarão da Ladeira do Castelo, localizado ao lado do forte do Castelo no bairro Cidade Velha. Esse casarão é uma construção histórica do século XVIII e é considerado um importante exemplar do processo urbanístico colonial português na região. Além disso, a arqueologia oferece uma perspectiva crítica sobre as consequências dessas interações históricas. Ao examinar também as mudanças ambientais, a transformação da paisagem e os impactos socioeconômicos decorrentes do contato entre diferentes grupos, a arqueologia pode fornecer informações valiosas para a compreensão dos desafios contemporâneos enfrentados pela região amazônica. Essas informações podem ajudar a informar decisões políticas, práticas de conservação e a busca por soluções sustentáveis para os problemas sociais e climáticos enfrentados atualmente.

O Convento e Igreja dos Mercedários, no centro comercial de Belém, também foram pesquisados e revelaram importantes informações sobre a história da religião católica na cidade e de outras instituições de poder. Esse convento e igreja atual datam do século XVIII, mas a ocupação da área ocorre desde a fundação da cidade, sendo, portanto, também um palco de disputas políticas, sociais, econômicas e históricas. A investigação geofísica exaustiva realizada no sítio é outro aspecto técnico de relevância deste projeto, sendo que pesquisas anteriores similares já foram também realizadas em outros sítios históricos como o Engenho do Murutucu e a Capela Pombo.

Por fim, o Cemitério da Soledade, localizado no bairro Batista Campos, também foi investigado e revelou importantes informações sobre a história dos enterros e da religiosidade na cidade. Esse cemitério foi inaugurado no século XIX e é considerado um dos mais importantes patrimônios históricos de Belém por sua manutenção de uso através dos tempos das crenças de longa duração. A exemplo o lixo acumulado ao longo de décadas nos túmulos violados do cemitério, teve uma amostra recolhida para estudo arqueológico do patrimônio. Nesta amostra constam vestígios faunísticos de alimentação ou oferendas colocadas nos túmulos durante prováveis rituais, outros objetos de adoração como velas, cerâmicas, papel, tecidos e plásticos também foram recolhidos.

No contexto do período colonial amazônico, a arqueologia também desempenha um papel importante na desconstrução de estereótipos e preconceitos históricos. Através da análise cuidadosa dos vestígios arqueológicos, os arqueólogos podem revelar as complexidades das interações entre europeus, indígenas originários e africanos escravizados, desafiando as narrativas



simplificadas de dominação e submissão. Essas descobertas contribuem para uma compreensão mais equilibrada e nuançada das relações sociais e culturais que moldaram a Amazônia colonial ontem e hoje.

Portanto, a arqueologia também pode ser entendida como uma ciência que “conta outras histórias”, no caso do período colonial e imperial amazônico essa ciência ajuda na compreensão do contato entre os grupos europeus, indígenas originários e povos africanos escravizados, proporcionando uma visão crítica do nosso passado. Através das investigações arqueológicas, é possível explorar e interpretar as interações culturais, sociais e econômicas que ocorreram durante esse período histórico na Amazônia. A arqueologia, ao examinar os vestígios materiais deixados por esses diferentes grupos nestes sítios, revela detalhes sobre práticas dominantes e de resistência cotidianas dos grupos subalternizados como, estratégias de ocupação do espaço e transformação urbana, sistemas de troca e alternância de poder e crenças de longa duração. Essas descobertas fornecem uma visão mais completa e inclusiva do passado, que vai além das narrativas tradicionais baseadas em documentos escritos e registros oficiais e que conta também com grande apelo público de divulgação e extroversão do conhecimento.

Referências bibliográficas

ARAÚJO COSTA, L.D. de. **Arqueologia e etnicidade**: o estudo de cachimbos de barro na Amazônia Colonial (séc. XVIII e XIX). 2018. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

BARRENO, E. F. A. **Bois, peixes e outros bichos?** La vida cotidiana, la alimentación y la carne. Una aproximación a la agencia en la alimentación y al consumo de carne en una casa de “elite” durante el siglo xviii en la ciudad de Belém-PA. Un análisis zooarqueológico. 2021. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

BELTRÃO, J. F. Cólera e Gentes de Cores ou o Acesso aos Socorros Públicos no Século XIX. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, v. 14, n. 2, p. 257–282, 2004.

CAVALCANTE, D. A. O consumo de bebidas alcoólicas no engenho do Murutucu (Belém-pará- Brasil). **Fragmentos del Pasado-do Passado**, n. 4, p. 11–32, 2017.

COSTA, D. M. Estudos Mortuários em Arqueologia Pré-Histórica e Histórica: de espelho etnográfico à máscara social. **Habitus**, v. 10, n. 1, p. 105–114, 2012.

COSTA, D. M. Archaeology of the African Slaves in the Amazon. **Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage**, v. 5, p. 198–221, 2016a.



- COSTA, D. M. Arqueologia dos Africanos Escravos e Livres na Amazônia. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 10, p. 69–91, 2016b.
- COSTA, D. M. Historical Archaeology in the Amazon: the Murutucu Sugar Cane Mill Field School Project. **International Journal of Historical Archaeology**, v. 21, n. 3, p. 674–689, 2017a.
- COSTA, D. M. **Projeto de Arqueologia Histórica no Albergue da UFPA**. Belém: UFPA, 2017b.
- COSTA, D. M. **Relatório Parcial: Arqueologia Histórica no Albergue da UFPA**. Belém: UFPA, 2017c.
- COSTA, D. M. **Ecoarqueologia Histórica na Amazônia**. Desenvolvimento e Meio ambiente, v. 52, 2019.
- COSTA, D. M. **Projeto de Levantamento E Prospecção Arqueológica Na Igreja E Convento Dos Mercedários, Belém/PA**. UFPA, 2020a.
- COSTA, D. M. Histórias do Engenho do Murutucu: um Patrimônio Arruinado na Amazônia Brasileira. **O Ideário Patrimonial**, v. 14, p. 132–161, 2020b.
- COSTA, D. M. Arqueologia no Engenho do Murutucu: um Sítio Histórico na Amazônia Brasileira. **Antrope**, v. 12, p. 30–58, 2020c.
- COSTA, D. M. Ecoarqueologia dos Não-Humanos no Engenho do Murutucu: Um Ensaio Sobre a Fauna e Flora da Amazônia Colonial. **Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 19, n. 1, p. 6–21, 2021a.
- COSTA, D. M. **Relatório do Monitoramento Arqueológico no Projeto Executivo de Restauração e Reabilitação da Igreja e Convento de Nossa Senhora das Mercês – 2020 a 2021**. Belém: UFPA, 2021b.
- COSTA, D. M. Ecoarqueologia das mudanças climáticas: da resiliência pré-histórica à sustentabilidade contemporânea. **Revista de Arqueologia**, v. 36, n. 2, p. 274–298, 2023.
- COSTA, D. M.; GLÓRIA, P. J. T. DA. **Relatório Técnico de Atividades da Arqueologia**. Belém: UFPA, 2023.
- GUIMARÃES, A. M. A. **Arqueologia histórica e as dinâmicas sociais da Amazônia: a cerâmica do sítio albergue da UFPA**. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais. Belém: UFPA, 2019.
- JUNIOR, E. DOS S. **Objetos sobre Vidro Lascado em Contexto de Senzala na Amazônia Oriental Brasileira: uma proposta metodológica de macro e microanálise**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Belém: UFPA, 2017.
- LACORE. **Projeto de Restauração de Bens da Arquitetura Mortuária do Cemitério de Nossa Senhora da Soledade**. UFPA, 2022.
- LIMA, T. A. No asfalto: Arqueologia Histórica Urbana no Brasil, Em: Symanski, L.C. P. e Torres de Souza, M. A. **Arqueologia Histórica Brasileira**, Belo Horizonte: UFMG, 2022.



MARTINS, I. F. DE O. **Arqueologia e Etnicidade na Amazônia Oriental: O caso do engenho Murutucu em Belém do Pará.** 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

MCGREGOR, A.; COWDY, M. Biourbanism | cities as nature: A resilience model for Anthromes. **Science Talks**, v. 7, p. 100238, 2023.

[PDF] **Pistas e Provas da Escravidão Negra no Pará: Estudo de Caso das Ruínas do Murutucu** by Luciene Barbosa Teixeira Lbt, Helena do Socorro Campos da Rocha, Paula Renata de Jesus Monteiro · 2232984092 · OA.mg. [s.d.].

RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **Duas faces da morte: o corpo e a alma do Cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém/PA.** / Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Patrimônio Cultural) — IPHAN, Rio de Janeiro, 2014.

SANTOS, S. F.; COSTA, D. M. Um Sítio Arqueológico, Vários Museus: O Caso do Engenho do Murutucu, Belém/PA. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 6, n. 12, 2017.

SILVA, É. A. DA. **O cotidiano da morte e a secularização dos cemitérios em belém na segunda metade do século XIX (1850/1891).** 2005. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

SILVA, P. A. B. V. DA. **Deterioração das pedras da arquitetura mortuária do cemitério Nossa Senhora da Soledade.** 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Instituto de Tecnologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

SILVEIRA, F. L. A. DA; ROCHA, M. C. M. G. DA. **O bairro Batista Campos e as dinâmicas do tempo na cidade de Belém, Brasil: memórias e paisagens arruinadas.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 8, n. 1, p. 169–182, 2013.